

## SUBJETIVIDADES EM TEMPOS DE MÍDIAS SOCIAIS

Fernando Novaes Franco<sup>1</sup>

*Resumo:* Este texto é uma reflexão sobre a linguagem na cibercultura, a partir do conceito de técnicas de si de Foucault, relacionando-a com as práticas de escrita presentes nas mídias sociais, como, por exemplo, o Facebook, concebendo esta linguagem como ato constitutivo dos sujeitos. Concluímos que a cibercultura não instaurou, até aqui, novas subjetividades, mas colocou em evidência o caráter múltiplo, instável e plástico do sujeito descentrado.

*Palavras-chave:* Linguagem. Cibercultura. Sujeito.

## SUBJECTIVES IN SOCIAL MEDIA TIMES

*Abstract:* This text is a reflection on the language in cyberculture, based on Foucault's concept of self techniques, relating it to the writing practices present in social media, such as Facebook, conceiving this language as an act Constitutive of the subjects. We conclude that cyberculture has not hitherto introduced new subjectivities, but has emphasized the multiple, unstable and plastic character of the off-centered subject.

*Keywords:* Language. Cyberculture. Subject.

## Contextos da Cibercultura

A cibercultura é uma realidade possibilitada pela criação da computação, na década de 1950 e, posteriormente, da internet, que tem experimentado uma expansão e consolida-

---

<sup>1</sup> Bacharel em Relações Públicas e Mestrando em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia. Endereço eletrônico: fnonadnovaes@hotmail.com.

ção inegáveis; sendo tanto reflexo quanto fator de contribuição para a definição das sociabilidades contemporâneas, baseadas em novas formas de identificação e pertencimento dos sujeitos, e, também, por meio da frustração das barreiras do espaço e do tempo, bem como o entretencimento de identidades para além dos limites territoriais, culturais e sociais relacionados ao estado-nação. André Lemos define a cibercultura como

conjunto tecnocultural emergente no final do século XX impulsionado pela sociabilidade pós-moderna em sinergia com a microinformática e o surgimento das redes telemáticas mundiais; uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação (LEMOS, 2004, apud LEMOS 2010, p. 22).

O que se está experimentando são novas e intensas formas de comunicação entre os indivíduos, as quais não respeitam mais barreiras geográficas e temporais, instaurando uma nova modalidade de interações, mediadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação, que têm sido chamadas de mídias pós-massivas (LEMOS, 2010), em oposição às mídias tradicionais caracterizadas pela emissão vertical, e centralizada, da informação.

Nas mídias pós-massivas, pelo contrário, presenciamos um processo de liberação do polo de emissão, derrubando a hierarquia rígida da relação clássica emissor-receptor da era da comunicação de massa. Esta liberação da fala, nos diz Lemos (2010), conduziu a inevitável situação de conexão e conversação, generalizada entre os sujeitos em escala global, uma vez que o ciberespaço não é regulado por agentes que detém sua posse, tornando-se um espaço democrático de encontro das diferenças.

Em decorrência dessa liberação da fala e interconexão dos sujeitos, surge, por fim, uma reconfiguração das práticas sociais, visto que agora aparece um espaço propício à circulação de discursos não mais controlados pelos agendamentos impostos pelos meios de comunicação de massa, instaurando novas relações políticas, a partir da circulação livre e multimedial das informações.

É nesse contexto que também se pode falar de inteligência coletiva, uma vez que possibilita a construção compartilhada e participativa do conhecimento, de forma horizontalizada, permitindo o aprimoramento dos saberes pela humanidade. Ao contrário das sociedades industrializadas que tinham a natureza como reserva de matéria e energia (LEMOS, 2010) para a transformação, a partir do paradigma informacional, o mundo se torna fonte para conversão em dados binários, pelos computadores, no atual estágio da cibercultura.

Assim, os sujeitos deixam de lidar com a matéria bruta para manipular signos produzidos a partir da linguagem da computação, dos quais, inclusive, eles mesmos são parte, num processo de simbiose com a máquina, projetando suas consciências para além dos corpos, do tempo e do espaço, experimentando novas formas de subjetivação.

Em um ambiente como este, marcado pela efemeridade, pela velocidade das informações e constante mutação, não faz mais sentido falar em identidades fixas ou bem definidas. Nas relações estabelecidas dentro da cibercultura ficam evidentes os jogos indentitários em que se envolvem os sujeitos, inclusive, conduzindo a um esboroamento das barreiras entre máquina e ser humano.

## Descentramento do Sujeito e Construção de Subjetividades na Linguagem

É preciso dizer, então, que a noção de sujeito concebida no Iluminismo — sujeito centrado, idêntico a si mesmo desde o nascimento, passando apenas por um desenvolvimento coincidente com seu amadurecimento biológico, agente central do conhecimento e senhor de si mesmo — começa a desmoronar com a introdução, a partir de Freud, no século XX, do conceito de inconsciente como lugar central de definição dos sujeitos, contrapondo-se, por sua vez, à ideia do ser racional, guiado pela razão.

Este sujeito uno, estável e centrado foi produto de um processo de ruptura, em que Deus deixou de ser o centro de todas as coisas, passando o homem a ser responsável por seu próprio destino e, portanto, dotado de plenas capacidades para se livrar das ciladas impostas pelo mundo exterior. Caberia aos homens, e somente a eles agora, a partir da razão, explicar e solucionar os problemas decorrentes da vida cotidiana, e não mais a uma voz exterior: a voz divina.

Essa concepção de sujeito vai se ajustar bem à nova forma de sociedade burguesa, fundada nos princípios da liberdade e igualdade, separação entre Estado e religião, e na valorização dos atributos individuais, bem como à ideia de propriedade privada, sujeito de direitos, etc. O sujeito, nessa concepção, serviu (e ainda serve) de base ao modelo capitalista, uma vez que é a possibilidade da propriedade privada que também possibilita a acumulação, a partir do controle dos meios de produção, da exploração do trabalho, e do lucro.

Contudo, conforme dito inicialmente, essa concepção de sujeito começa a ruir à medida que as instituições, que outrora lhe garantiram uma identidade presumida estável, também começam a desmoronar. Sem os referenciais que antes se supunha garantir o sujeito centrado, começa-se a

expor sua condição mesma: uma “construção” histórica e provisória, contraditória, em permanente refazimento. Hall (2005), expondo uma visão psicanalítica dos sujeitos, diz que

psicanaliticamente, nós continuaremos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2005, p. 39, grifo do autor).

Esta ideia de um sujeito construído já estava presente no pensamento greco-romano como uma condição incontornável e, aliás, cultivada pelos aristocratas, que podiam dedicar-se no cuidado de si mesmos, como nos diz Foucault ao falar dos hupomnêmata, espécie de livro de anotações, servindo como “um tesouro acumulado para releitura e meditação posteriores” (FOUCAULT, 1994, p. 147). Foucault ainda nos diz

eles não se destinam a substituir eventuais falhas de memória. Constituem de preferência um material e um enquadre para exercícios a serem frequentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com outros etc. (FOUCAULT, 1994, p. 149).

Temos então um processo através do qual os sujeitos poderiam se “armar” em si mesmos para o enfrentamento dos acontecimentos diários de suas vidas. Fica também evidente aí um processo de subjetivação possibilitado pelo que vem de fora, negando qualquer essencialismo ontológico do ser.

É na internalização dos escritos colecionados a partir de coisas que ouviu e leu, coletados de forma dispersa, mas conservando sua unidade na ação do copista (FOUCAULT, 1994), que o sujeito deveria tornar-se o que era. Assim, a escrita e a leitura como atividades de si sobre si mesmo, a sós

ou acompanhado, poderia dar subsídios para a constituição dos sujeitos.

Destaca-se, portanto, a linguagem como lugar central na constituição dos sujeitos, visto que, sendo o homem um ser simbólico, é na língua que se constituirá a si mesmo e também dará forma àquilo que é chamado de realidade. É na linguagem que os sujeitos se subjetivam, e será também nela que eles se relacionarão com o mundo, não se instituindo, contudo, nenhuma correspondência de direito com aquilo que é nomeado na linguagem e as coisas existentes propriamente no universo. Sobre a linguagem como ação constitutiva dos sujeitos, Franchi diz que

se queremos imaginar esse comportamento como uma “ação” livre e ativa e criadora, suscetível de pelo menos renovar-se ultrapassando as convenções e as heranças, processo em crise de quem é agente e não mero receptáculo da cultura, temos então que apreendê-la nessa relação instável de interioridade e exterioridade, de diálogo e solilóquio: antes de ser para a comunicação, a linguagem é construção do pensamento; e antes de ser veículo de sentimentos, ideias, emoções, aspirações, a linguagem é um processo criador em que organizamos e informamos as nossas experiências (FRANCHI, 1992, p. 25).

Temos então a negação de uma linguagem instrumentalizada pela comunicação — concebida como uma das principais funções da linguagem — para compreendê-la como processo através do qual os sujeitos adquirem a condição de seres capazes de elaborar a si mesmos e o mundo constantemente, sem se deixarem cair na repetição do “já existente”, do socialmente difundido. Assim é que a linguagem é mais do que uma “narração” da história da humanidade, ela mesma é um ato de significação e ressignificação dos sujeitos, das coisas e do tempo, marcada por uma temporalidade.

É na linguagem que os sujeitos dão forma ao “caos interior”, impondo, portanto, um sentido, do ponto de vista da narrativa, a uma subjetividade inacessível enquanto interioridade. Narrativa essa que só adquire linearidade no ato da linguagem, que age organizando nosso pensamento.

### **Escritas de si nas mídias sociais**

De certa forma, vemos essa técnica de si ser retomada com o uso das novas mídias digitais, como, por exemplo, o Facebook, em que os indivíduos compartilham citações, nem sempre com a marcação do nome do autor, com as quais se identificam e que funcionam como recursos à elaboração de si mesmos e dos outros que fazem parte do seu círculo social em rede.

De modo também semelhante ao dos hupomnêmata, nessas redes sociais digitais, os indivíduos “colecionam” textos compartilhados por outros, coletados de formas diversas, que ouviram e viram (audiovisuais), ou leram (textos) e que podem acessar quando desejarem ou necessitarem, utilizando-os como suporte ou auxílio, compartilhando-os mutuamente.

É claro que não se deve perder de vista o caráter narcisista da contemporaneidade, mesmo assim, há bastante semelhança entre aquelas práticas, a partir dos hupomnêmata na escrita de si e a construção das subjetividades, nas práticas de compartilhamento de conteúdo no ambiente das mídias sociais. Este fato se percebe, por exemplo, nos textos — aqui em sentido amplo — colocados em circulação entre usuários que, mesmo sem ter lido determinados autores, publicam citações, fragmentos de suas obras, como se tivessem lido tais textos de que se extraíram tais fragmentos, em suas páginas pessoais.

Vemos também nesses ambientes virtuais a exacerbação da exposição de identidades diversas pelos sujeitos, identidades mutantes e provisórias, tão efêmeras quanto o próprio ambiente em que circulam; fato que explicita uma dimensão política libertadora dos indivíduos, nos seus processos de subjetivação e adoção de identidades, que não correspondem mais a uma concepção clássica de identidade centrada, imutável e coerente.

Ao sinalizar sobre as tecnologias de si em Foucault, Birman (2000) aponta para uma evolução dessas técnicas. Podemos pensar que a relação estabelecida entre os sujeitos e as novas tecnologias da informação pode ser um novo estágio dessa “arte de si”, que ainda vemos em estado germinativo.

O que queremos dizer é que, se é na linguagem que os sujeitos se constituem, então os novos espaços de “exteriorização” do sujeito, possibilitados pelas novas mídias digitais multimídias, abrigando e fazendo convergir variadas formas de linguagem, atendem bem a essa condição dos sujeitos, possibilitando formas totalmente novas de constituir-se, subjetivar-se, ampliadas para além das contingências do espaço e do tempo e mesmo dos corpos.

Não queremos, com isto, defender uma condição de sujeito conectado no ambiente virtual diferente do sujeito *offline*, pelo contrário, a experiência dos sujeitos na cibercultura só veio colocar em maior relevo o caráter múltiplo do “eu”. A este respeito Santaella diz que

a cibercultura promove o indivíduo como uma identidade instável, como um processo contínuo de formação de múltiplas identidades, instaurando formações sociais explicáveis pelas teorias pós-estruturalistas e desconstrucionistas que enfatizam o papel da linguagem no processo de constituição dos sujeitos (SANTAELLA, 2007. p. 91).

Ora, neste espaço de multiconexão, de mediação, os sujeitos são liberados de seus corpos físicos e de identidades impostas por uma pele, podendo, mesmo pelo anonimato, adotar, através da incorporação do Outro, as identidades com as que melhor se identificarem, sem o compromisso de mantê-las mais que o necessário para o jogo estabelecido.

Neste novo espaço de interação, mediado pelas novas tecnologias da informação e comunicação, o que está em jogo são relações estabelecidas através da linguagem. Uma linguagem que corresponde e coloca em proeminência o sujeito descentrado, volátil, provisório e sob eterna construção. Linguagem não linear, sem hierarquia definida, onde as figuras clássicas das teorias da comunicação das sociedades de massa — emissor e receptor — são caricaturas sem sentido.

### **Considerações Finais**

Pode-se tomar a cibercultura como alegoria da contemporaneidade, um tempo marcado pela descontinuidade, pela velocidade, pela efemeridade vertiginosa das coisas, das relações sociais. A pós-modernidade ou modernidade tardia, como proferem alguns autores, é esse momento histórico de negação da linearidade da própria história e, portanto, da ideia de progresso.

O sujeito descentrado é, também, nela um errante ou viajante que sempre está de passagem, contemplando paisagens igualmente efêmeras e tecendo vínculos tão sólidos quanto o tempo de sua permanência entre uma conexão e outra, entre uma página e a seguinte.

Nela se expressa um desejo exacerbado de rompimento com as fronteiras rígidas impostas pelas territorialidades tradicionais, inclusive com os limites impostos pelo corpo,

apontando para novas formas de sociabilidade e engendramento do humano.

Tudo isto tem como lugar central a linguagem, vista como ação constitutiva dos sujeitos. Linguagem esta não embargada pelos limites impostos por regras, mas contendo em si mesma o caminho para a transgressão de convenções cristalizadas.

A cibercultura representa uma potência com os elementos necessários para esse processo de expansão dos sujeitos e das subjetividades: assim como o pensamento, que não obedece a um encadeamento rígido, mas se apresenta descontínuo, o ciberespaço é esse lugar da bricolagem, da fragmentação, do sonho, mostrando que os sujeitos nunca são uma coisa só o tempo todo.

## Referências

BIRMAN, Joel. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 79-89.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 144-162.

FRANCHI, C. *Linguagem: atividade constitutiva*. Cadernos de estudos linguísticos. Campinas: UNICAMP, 1992. p. 9-39

Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEMONS, André. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 21-31.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 83-97.

[Recebido: 10 de ago de 2016 — aceito: 29 de ago de 2016]